

## Editorial

Bem-vindos à 17ª edição da Revista Transverso. Esta é mais uma edição com o foco na sustentabilidade, com a parceria do ENSUS, Encontro de Sustentabilidade em Projeto, agora na sua 13ª edição.

Há alguns meses um colega, a propósito de uma minha proposta de projeto, afirmou com bastante convicção: “Sustentabilidade já é tema batido, ultrapassado”. Fiquei calada, um pouco pelo impacto do ponto de vista, e outro tanto para não criar atrito. Mas aquilo ficou entalado e me fez refletir e discutir com outros colegas sobre esse ponto de vista. Apresento a seguir o que consegui processar.

Gostaria muito que ele estivesse certo, pois isso significaria que buscar o equilíbrio econômico, social e ambiental para as nossas atividades já seria uma prática internalizada pela maioria de nós, tornando-se um valor inerente a todas as culturas, especialmente no Brasil. No entanto, não é isso que vivenciamos. São muitos os desequilíbrios que presenciamos e muitas as decisões que trazem como consequências conflitos, degradações, desigualdades e exclusões. Muitos são os embates e lutas em que os lados são inflexíveis e insistentes, o que leva, não só à não resolução do conflito, mas ao agravamento da situação.

Nossa sociedade tem que lidar com muitas decisões complexas que exigem a priorização de uma variável dentre outras igualmente importantes e conviver com realidades que não nos dão escolha. Um tema delicado que aparece com frequência, por exemplo, é a mineração. Recentemente, no contexto da Bienal de Gastronomia de Belo Horizonte em que participamos com um projeto que trata essencialmente de sustentabilidade envolvendo turismo e limpeza urbana, assistimos a uma mesa redonda. Nela, a prefeita de Canaã dos Carajás (município brasileiro do estado do Pará) apresentava suas iniciativas para o incentivo da agricultura e ações sociais. O município, que nasceu a partir de um assentamento agrícola, tem 31 anos de emancipação e sua economia é impulsionada pela mineração, que explora os recursos ambientais da região. Se pensarmos nas coisas que consideramos importantes para nossa prosperidade, veremos que muitas são produzidas com metais — como computadores, celulares, carros, equipamentos agrícolas — tornando esse recurso (e sua atividade de extração) praticamente imprescindível nos dias atuais. Além disso, a mineração gera trabalho, renda e recursos para o município investir em projetos sociais que melhoram a qualidade de vida da população.

Quando perguntamos à prefeita sobre o assunto ela respondeu, com muita serenidade, que o uso dos recursos ambientais permite a disponibilidade de recursos para a sustentabilidade econômica e social do município. Discutindo, mais uma vez com colegas sobre o tema, surgiu a questão: o que acontecerá com este território quando a atividade mineradora nesta localidade não for mais interessante para a empresa que a empreende e ela se deslocar para outros locais mais lucrativos? O que nos vem em mente é que algo precisa ser feito continuamente para que, quando isso acontecer,

a “casa esteja arrumada” e estruturada permitindo que as vidas humanas e não humanas que têm vínculo eterno com aquele território, continuem a existir com equilíbrio e prosperidade.

Outra questão que surge: assim como aconteceu com os combustíveis fósseis, para os quais hoje temos alternativas para produção de energia, teríamos outros materiais, existentes ou a serem inventados e desenvolvidos, mais sustentáveis do que alguns minerais?

Assim, temos muito trabalho a fazer. Há muito o que ser compartilhado, sentando à mesa para discutir com embasamento, fundamentação e qualificação, para que seja possível a construção das melhores soluções, que apresentem maior equilíbrio. É preciso ler muito para ampliarmos nosso conhecimento, o que permitirá o desenvolvimento de inovações que nos conduzirão a contextos com escolhas cada vez mais harmoniosas.

Vamos em frente, buscando sempre a sustentabilidade para que, de fato, um dia, não precisemos mais discutir sobre esse tema, pois ele já estará no nosso sangue, fazendo parte da nossa mentalidade.

Boa leitura, boas discussões e inspirações!

***Rosângela Míriam L.O. Mendonça***

Editora Chefe da Revista Transverso

## Editorial [cont.]

No ano da COP30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), tivemos um dos eventos ENSUS mais completos em termos de variedade de conteúdo, abordagens multidisciplinares e reunião de diferentes atores da nossa sociedade, tendo por balizador a questão da sustentabilidade em projeto.

Com participações importantes de pesquisadores estrangeiros, além, é claro, da sempre presença de pesquisadores nacionais das universidades de todas as regiões de nosso país, o ENSUS vem se consolidando como um importante ponto de discussão, sempre com foco na integração da teoria e prática sustentável.

Ainda vivendo sob o “fantasma” da pandemia, os eventos presenciais vêm aos poucos recuperando o público de outrora. A oferta de atividades remotas na área educacional, quer em eventos, quer em atividades de ensino proliferaram. São reconhecidas as vantagens desta modalidade: vamos a elas (as poucas desvantagens deixarei para falar depois).

As vantagens dos eventos remotos incluem por exemplo a redução de custos com passagens, hospedagem, etc. Também fica mais fácil a composição do quadro de palestrantes por exemplo, pois estes não precisarão viajar até o local do evento, nem deixar de lado suas atividades laborativas, já que poderão dedicar ao evento apenas algumas horas. Não há gastos com *coffee break*; não há gastos com decoração, com apresentações culturais, com jantares ou festas de confraternização. Não há gastos com crachás, ou *banners*, e nem é necessário credenciar alunos de graduação e pós-graduação para atuar como *staffs*, afastando-os de suas obrigações acadêmicas.

Tudo isso é muito bom, afinal o objetivo de um evento é científico, ou seja, serve para discutir “cientificamente” temas relevantes de nossa sociedade, de forma séria e objetiva; e atividades como as descritas acima, além de onerar o evento, desviam o foco do objetivo principal. O pragmatismo cerceado é visível. A objetividade substitui os devaneios que atrapalham a organização de um evento pelos atrasos que causam nas conversas de *coffee break*, intervalos ou mesmo nas sessões temáticas e palestras.

Impossível neste cenário não perceber o quão antiquado são os eventos presenciais.

Mas então nos deparamos com um dado recente que diz: “O índice de afastamentos do trabalho por problemas de saúde mental no Brasil cresceu 134% entre 2022 e 2024, alcançando 472 mil licenças em 2024, o maior número da década”. Neste mesmo período, o trabalho remoto subiu em torno de 300%.

E então nos lembramos de que somos uma espécie sociável. O ser humano é um animal sociável, e viver desta forma foi o que promoveu todo o avanço que tivemos desde a época em que vivíamos em cavernas. E esta talvez seja, senão a única, pelo menos a mais relevante desvantagem de um evento remoto: a falta do contato humano. O debate olhando nos olhos; a voz por vezes embargada e trêmula daqueles que defendem suas crenças, seus saberes para um público ávido por conhecimento. O vínculo da amizade formada nos encontros entre mestres e pupilos que vai para além da admiração acadêmica.

Obrigado a todos e todas que vivenciam o ENSUS a cada ano, nos permitindo e se permitindo colocar um pouco de humanidade na frieza de nosso mundo moderno com suas telinhas e seus textos gerados por IA; do ato contemporâneo de buscar a todo custo o “ter”, deixando de o lado o “ser”.

***Paulo Cesar Ferrolí***

Editor convidado da 17ª edição da Revista Transverso